

“A democracia representativa ou capitalista, está superada no mundo. Ninguém acredita mais nela”

Entrevista com o professor Waldir José Rampinelli

Gabriel Garcia¹
Isabel Apel Brites²
Luiz Felipe Florentino³



O professor Waldir José Rampinelli é professor titular do Departamento de História da Universidade de Santa Catarina. Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná e graduação em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí. É mestre em História pela Universidade Nacional Autônoma do México e doutor em Ciências Sociais-Política pela Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo. Autor de uma série de livros e inúmeros artigos acadêmicos. Na noite do dia 21 de novembro de 2016 teve a gentileza de nos conceder esta entrevista, conversa realizada na sede do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Professor, como o senhor avalia o estudo da história da América Latina?

O novo no mundo hoje acontece na América Latina. A única região do mundo onde as coisas acontecem de maneira diferente. Tanto é que os cientistas sociais e políticos da Europa, Ásia, África e Estados Unidos, quando querem estudar o novo vem para América Latina. Por que o novo acontece aqui? Houve um levante das massas indígenas em 1994, com o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional no México. Este levante de 1994 é tão importante para os povos originários como foi 1492 para os povos europeus que chegavam à América. Se em 1492 chegou modernidade capitalista que é bárbara para os povos, em 1994 se levantam os povos e dizem o seguinte: “Nós queremos que esta América profunda,

¹ Argentino, coautor, graduando do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina. philiamaximus@gmail.com

² Brasileira, coautora, graduanda do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina. britezisabel96@gmail.com

³ Brasileiro, coautor, graduando do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. l.f.florentino@outlook.com



que é indígena, mesoamericana, incaica, ela conviva com a outra América que é ocidental e europeia, e se não houver convivência vai haver conflito”. O que aconteceu? Os povos originários passaram a ser sujeitos da própria história, tanto quanto foram os conquistadores em 1492. A partir de 1994 a América não é mais a mesma. Tanto é que, só pra dar um exemplo: Um mestiço chega ao poder na Bolívia, Evo Morales. Nenhuma novidade, em meados do século XIX, um indígena havia chegado ao poder no México, Benito Juárez. Mas qual é a diferença? Este indígena vai através do constitucionalismo, criar por exigência do povo, dois modos de produção: O ayllu, que é o originário e o capitalista clássico, que é o importado. Um de 1492, outro de 1994, e os dois entram na Constituição da Bolívia. Na Bolívia existem estes dois modos de organização política, que são diametralmente opostos, tanto é que vender terras no ayllu é o maior crime que se comete, porque a terra é mãe, e a pena é o pai matar o filho que vendeu a terra. No capitalismo clássico vender a terra e obter lucro é sinal de inteligência. E os dois convivem na mesma Constituição. Então o que isso significa? Que as duas Américas têm que conviver, porque se não conviverem, nós vamos ter a partir daí o conflito armado. Então aqui ocorre o novo, o diferente, aquilo que chama a atenção do mundo.

Historicamente a América serviu de palco para as mais diversas atrocidades, como o extermínio de milhões de nativos, um verdadeiro genocídio. No entanto este genocídio deve ser avaliado para além da morte de pessoas, levando em consideração a extinção de diferentes culturas. O que o senhor tem a nos dizer?

Nós não só tivemos genocídio na América Latina como tivemos memoricídio e etnocídio. Três crimes que foram fundamentais. Genocídio é quando se elimina fisicamente um grupo determinado de pessoas, memoricídio é quando se apaga a memória para poder dominar melhor os povos e etnocídio é quando se elimina a cultura, o idioma, a cosmovisão que se tem de mundo. Essas três coisas aconteceram de maneira concatenadas na América Latina. Matou-se grupos, matou-se a memória e matou-se o idioma. Isso significa que aqui se cometeram os maiores crimes que a humanidade conheceu. Um historiador chamado Todorov vai dizer o seguinte: “Nenhum crime do século XVI cometido na América pode ser comparado aos crimes do século XX cometidos no mundo”. Qual é o maior crime apresentado pela imprensa cometido no século XX no mundo? O genocídio dos judeus, que chamam de holocausto, mas não é holocausto, é genocídio. Porque foi também um genocídio dos ciganos, eslavos, homossexuais, deficientes. Por que todas essas mortes são genocídios e o a dos judeus é holocausto? Isso é uma construção ideológica, tudo é genocídio. Então nenhum genocídio do século XX pode ser comparado ao genocídio do século XVI. Porque no século XVI além do genocídio, como eu já havia falado, se cometeu também um memoricídio e um



etnocídio, e se compararmos com os genocídios do século XX, o maior deles talvez seja o judaico, cerca de seis milhões de pessoas, no século XVI em quarenta anos mataram quarenta milhões de indígenas. Então em termos humanos não podem ser comparados. Esses crimes praticados pela cruz e pela espada, a Igreja e o Estado foram parceiros, foram tão parceiros que o Pablo Neruda vai dizer: “A espada, a cruz e a fome iam dizimando a família selvagem”. Porque primeiro se matava a resistência interna, e depois que se matava a resistência interna se matava as próprias pessoas. Então isso foi fundamental na dominação, tanto é que onde a cruz não foi a dominação da espada foi precária. Então eu diria que esses crimes cometidos na América contra a humanidade foram os maiores do mundo e, no entanto, isso passa meio que batido, porque quando se completou quinhentos anos da conquista da América quiseram fazer festas aqui e em toda a América Latina para comemorar o encontro de duas culturas. Não teve encontro nenhum entre duas culturas, teve foi um, como se diria em espanhol, um “encontronazo”. Seria a mesma coisa que daqui a quinhentos anos alguém querer comemorar o encontro da cultura nazista alemã com a cultura judaica na Segunda Guerra Mundial. Que encontro maravilhoso onde os judeus perdem seis milhões de pessoas [ironiza]. Aqui se perderam quarenta milhões, isso é encontro? Então não é encontro, nada disso.

Desde a década de cinquenta, constrói-se uma imagem do povo brasileiro pautada na cordialidade, na alegria e hospitalidade. Essa imagem perdura atualmente, ainda que o país sofra com altos índices de violência e indicadores humanos que não refletem essa visão. O senhor acredita na possibilidade de atualização dessa imagem construída em torno do povo brasileiro?

Essa é a teoria mais falsa que existe. O povo brasileiro nunca foi cordial. Desde que aqui chegaram os europeus, e não só no Brasil, mas em toda a América Latina, começou a luta de classes. Tanto é que a primeira guerrilha contra os espanhóis se dá exatamente na Ilha Espanhola, onde hoje está a República Dominicana e o Haiti, onde um grupo de indígenas liderado por Enriquillo que enfrenta Cristovam Colombo, e a guerrilha dura trinta anos. E quando os indígenas fizeram um acordo com os espanhóis, os espanhóis traíram e liquidaram a guerrilha. Desde então tem sido sempre incrementada a luta de classes em nosso continente. É claro, a história falseia apresentando como luta racial, guerra por território, enfim, uma maneira de falsificar a história. Um exemplo mais claro é a Guerra do Contestado em Santa Catarina. A Guerra do Contestado foi um conflito entre Santa Catarina e o Paraná? É mentira. A Guerra do Contestado foi essencialmente uma luta de classes, entre camponeses que a história chama de caboclos, fanáticos guiados por um monge contra quem? Uma empresa multinacional que veio fazer uma estrada-de-ferro e pegou uma margem de terra, quinze quilômetros de cada lado da ferrovia para explorar a madeira. A Guerra do Contestado é essencialmente uma luta de classes,



entre camponeses e uma multinacional, e o Estado brasileiro com todo seu aparato militar se coloca ao lado da multinacional. Por que os camponeses são fanáticos e a multinacional não? Por que estes são os malvados e aqueles os bons? Porque a história oficial ela falseia e se coloca ao lado da classe dominante e não ao lado da classe dominada. E todos os nossos grandes conflitos foram lutas de classe. A Cabanagem em Belém do Pará, a Balaiada no Maranhão e no Piauí, a Guerra do Contestado, Canudos. Tanto é que isso não são guerras, são conflitos de classes, mas a história não gosta de trabalhar com conflito de classes porque o conflito de classes que você estuda ontem está presente hoje. Então é a história influenciando a luta hoje. É melhor considerar aquilo como uma guerra que passou e não como um conflito de classes que chega aos dias de hoje. Então não existe a cordialidade no Brasil, o brasileiro é um povo de luta, enfrentamento, isso começou com os indígenas em toda a América Latina, isso veio depois com os negros, olha aí os quilombos, e veio até os dias de hoje. A Escola Superior de Guerra do Brasil criada em 1949, uma das teses que ela usava muito em seu ensino era exatamente isso: Um povo cordial, um povo que aceita. Que está contente com a PEC 40, com o governo do Temer, que vai pagar o sacrifício do roubo pela classe dominante, que é pacífico e que aceita pagar o ônus da exploração. Não! É um povo de luta de classes. É a história da humanidade, sempre foi assim, não só no Brasil e na América Latina, mas no mundo. Alguns lugares mais, outros menos. As nossas independências vieram por causa das lutas, dos povos indígenas, dos negros e também de brancos. A nossa independência se deu assim.

Então o senhor acredita que a Revolução Haitiana deve ser analisada enquanto uma guerra de classes e não racial?

Sim, de classes. Tanto é que os haitianos se levantaram contra os opressores, que eventualmente eram brancos. Quem eles tentavam atacar? Todo aquele que explorava a classe de “baixo”. Mas é essencialmente uma guerra de classes. Não só a Revolução Haitiana, mas eu diria: todas as revoluções de independência na América Latina. É bom lembrar que quando o Bolívar atravessava os Andes com seus exércitos, as classes estavam presentes, tanto é que quem era branco tinha farda, pistola, espada, estava bem vestido, a cavalo e usando botas, enquanto quem era de classe inferior como os indígenas e negros, iam a pé e descalços, caminhando na neve... Diferença. Quando a independência aconteceu as classes baixas disseram: “Não mudou nada para nós, pelo contrário, piorou. Porque antes o patrão estava do outro lado do Oceano Atlântico, agora tem um patrão aqui, que nos explora aqui. Piorou. Nós lutamos pela independência para que?”. Por isso que os povos indígenas vão considerar a grande independência deles possivelmente em 1994, quando se levantam em armas, e os negros até hoje lutando, o racismo é uma coisa muito presente na nossa sociedade. São os que têm menos empregos,



ganham menos. Exemplo disso é que se abriram cotas na Universidade para tentar amenizar, mas não ameniza, ou ameniza muito pouco. Eu sou favorável às cotas, mas cota não resolve. Como diz o Marcelo Tragtenberg: “Usando as cotas nós vamos levar duzentos anos para igualar”. Há pouco fui numa formatura de segurança pública de Santa Catarina, tinha cinquenta e oito delegados e duzentos e noventa e seis agentes, se não me engano tinha dois delegados negros e dois agentes negros. É claro que todos esses delegados e agentes que aprenderam a reprimir, quando eles olharem para qualquer negro num conjunto conflituoso vão identificar o negro como culpado em primeiro lugar, antes que prove sua inocência. Eles mesmos são todos brancos. Esse é o Sistema de Segurança de Santa Catarina. Lima Barreto dizia: “É triste não ser branco”.

A eleição de Barack Obama veio acompanhada de grandes expectativas para que ocorressem mudanças e propostas do candidato como um maior controle sobre Wall Street e o fechamento da prisão de Guantánamo. Propostas que não foram cumpridas. O que podemos analisar sobre a vitória de Donald J. Trump? Podemos esperar que as promessas de sua campanha eleitoral sejam cumpridas?

Quem acreditou que o Obama mudaria é por que não conhece a política dos Estados Unidos. Existe um livro, do sociólogo William Domhoff, que se chama *Quem Governa os Estados Unidos?* Neste livro o autor vai dizer o seguinte: “Quem governa os Estados Unidos é uma classe superior, composta por grandes proprietários de bancos, grandes multinacionais, grandes fabricantes de armas, pelos grandes escritórios de advocacia”. O que esta classe superior que corresponde a 0,5% da população estadunidense tem em comum? São anglo-saxões, ali não entra judeu, casam entre si, frequentam as mesmas escolas, as mesmas universidades e estão nas mesmas listas sociais. Eles têm consciência de que possuem uma parte desproporcionada do poder e que atuam desproporcionalmente na sociedade estadunidense e pelo mundo a fora. Eles não têm interesse de ir para a Casa Branca, porque são muito ricos e têm outras funções a fazer, ganhar dinheiro no mundo, bilhões a cada dia. E quem eles põem na Casa Branca? Um representante que fará o que eles querem. Que é geralmente alguém que tenha lá alguma habilidade e que se eu precisar de petróleo ele vai fazer a guerra contra o Iraque e ameaça a Venezuela, se eu precisar de gás ele faz a guerra contra o Afeganistão e pressiona a Bolívia, se a minha empreiteira precisar construir um país ele vai e destrói a Síria e eu não vou para a Casa Branca. Por quê? Porque eu sou rico, muito rico, eu sou dono do poder. Não só nos Estados Unidos, mas no mundo. E eu não quero ir escutar presidente da América Latina que vai reclamar, então eu ponho lá uma elite do poder que vai me representar e que nem participa da classe superior porque não tem dinheiro para isso. O Obama? Não tem dinheiro para isso, ainda mais negro. E os outros também não



têm dinheiro para isso. Às vezes alguém que está na classe superior quer ir para Casa Branca porque é vaidoso, os Bush eram da classe superior do petróleo e foram, o Trump é da classe superior, foi. Mas geralmente quem vai para lá não é rico. O Bill Clinton não é rico, ele recebe um salário, só é rico se roubou. O Bill Clinton não pode competir com o Trump, porque esse sim é da classe superior, não pode competir com os grandes ricos dos Estados Unidos, nem a filha dele pode estudar onde a minha filha estuda, se eu sou da classe superior. São classes até distintas. Então o que acontece: Ganha A ou ganha B, quem vai para a Casa Branca vai ter que fazer o papel determinado por essa classe. Então quem pensou que com o Obama teria novos ares democráticos se enganou, o racismo aumentou, ele fez guerra, foi quem mais matou pessoas usando os aviões não tripulados, expulsou dois milhões de latinos, inclusive crianças, e quem comandou isso foi a secretária de Estado Hillary Clinton. Ele fez tudo o que faria qualquer um do Partido Republicano. Então sobre a eleição do Trump: Ele vai fazer exatamente o que o Obama fez e o que a Hillary faria. É claro que com estilos diferentes, um é mais educado o outro não, um fala o que vai fazer o outro não fala, mas faz. Inclusive eu acho que para a América Latina é melhor o Trump do que a Hillary, para o México vão ser dias terríveis, pois o Trump deve mandar os mexicanos de volta, o México já é um país dominado pelo narcotráfico, um Estado falido, o governo mexicano junto com todos os governadores, principalmente os do norte, já estão muito preocupados porque o desemprego é grande e se houver exportação de imigrantes é mais gente sem trabalho, essas pessoas vão acabar caindo no narcotráfico, porque o narcotráfico oferece emprego para eles, o crime organizado vai crescer. Mas o México é um caso a parte, porque 80% do seu comércio é feito com os Estados Unidos e como o Trump é protecionista, não é populista como dizem, populista é outra coisa, é um protecionista, é um demagogo, é a nova direita, um reacionário, isso é o Trump. Ele vai proteger a sua economia e é claro, vai afetar o México. Mas para a América Latina, tínhamos aqui alguns países querendo ensaiar uma aproximação com os Estados Unidos, é aquilo que se chama de Aliança do Pacífico, que é a Argentina, o Peru, a Colômbia e o México. O Trump vai dar uma banana para eles, e vai dizer para um Macri da Argentina: “Não tenho interesse em ti”. O que vai acontecer com esses países? Eles vão dizer: “Queríamos um trato diferenciado e não vamos ter, então temos que nos juntar por aqui”, favorecer o que aqui? O Mercosul, para poder negociar com força com ele, porque ele é nacionalista, protecionista, e para poder negociar com força com a Europa. Então, a meu juízo, as políticas protecionistas do Trump vão colocar a Aliança do Pacífico, que era capacho deles, no devido lugar, o Chile também entra. Com a Hillary ou com o Trump, nós não temos mudanças nas políticas dos Estados Unidos, porque aquilo é uma máquina e quem entra ali tem que fazer o que a máquina quer, e a máquina se chama classe superior. Quando o Obama ganhou eu escrevi um artigo para o Diário Catarinense, que me pediram, e o Fábio Lopes também escreveu um



artigo, o Fábio Lopes entusiasmado com o Obama, eu disse: “Daqui a quatro anos conversamos”, e o Itamar, meu amigo, chegou a me abraçar no corredor e dizer que o Obama iria remover a base de Guantánamo, eu disse: “Você está louco? Não existe isso, não te esquece que nos Estados Unidos existe uma presidência imperial”. Essa presidência vem do século XVIII, dos fundadores da pátria, e qual é a função da presidência imperial? É dominar o mundo aonde for possível e extrair a riqueza do mundo em favor deles. Como é que eles fazem isso? Praticando o terror benigno ou o terror construtivo. O Chomsky que vai dizer: “O que é o terror benigno? É usar a força do Estado para permitir que naquela região as nossas multinacionais entrem, benigno. E o que é o terror construtivo? É usar o terror de Estado para matar e eliminar todas aquelas pessoas que numa região nos ataca”. Então Washington para mim é a capital mundial do terror de Estado. Entra o Obama, entra o Trump ou a Hillary, não importa, são todos farinha do mesmo saco, o que muda é o trato, um é mais educado enquanto o outro é mais estúpido, mas na essência farão a mesma coisa. A Hillary expulsaria os latinos, expulsou dois milhões enquanto estava no departamento do Estado, por que não expulsaria enquanto presidente? Se tiver que expulsar, expulsa. O Trump diz que vai fazer, ela escondia, mas faria também. Então eu não me iludo com nenhum dos dois. Os Estados Unidos, para acabar com aquilo só uma grande revolução, porque é um Estado imperial, não tem quem entre e queira mudar. Por isso o Domhoff vai dizer: “O Partido Republicano e o Partido Democrata são iguais”. Tem diferença? Tem. Os sindicalizados vão mais para cá, os liberais vão mais para lá, as multinacionais vão para lá. Talvez a Costa Leste dos Estados Unidos seja mais liberal, mais internacionalista, voltada para Europa, então é democrata. O cinturão sul é mais conservador, mais voltado para dentro, é mais republicano. Mas todos defendem seus interesses, tanto é que quando um democrata compete com um republicano e chamam ele muito de liberal e ele quer ganhar a Casa Branca, a primeira coisa que ele faz é aparecer montado num tanque dizendo: “Sou guerreiro”. Mudam no tato, no acessório, não na essência. O que o Trump vai fazer a Hillary faria também, em menor proporção, mas faria, tanto que ela defende o fim da Palestina. O Trump é capaz até de melhorar as relações com a Europa, porque ele não está muito interessado na manutenção da OTAN, para a Rússia é bom. A OTAN gasta muito e quem banca são os Estados Unidos, pode acontecer o seguinte: A Ucrânia se voltar para a Rússia, a guerra na Síria acabar e a Rússia continuar tendo influência, tudo isso pode ocorrer.

Nas eleições municipais deste ano no Brasil, os partidos de cunho conservador se sobressaíram de forma inédita. Esta tendência, no entanto, precisa ser entendida como fruto de uma conjuntura que envolve todo o mundo ocidental, não como uma especificidade da política brasileira. Em sua opinião quais as principais características desta onda conservadora?



Eu diria em primeiro lugar que a democracia representativa ou capitalista, burguesa, está superada no mundo. Ninguém acredita mais nela. Um exemplo é que começam a ganhar as eleições não mais os políticos, mas os empresários, talk shows, apresentadores de televisão, o caso do Trump. Por que os partidos políticos e a democracia burguesa estão mortos? Porque ela não representa mais nada do popular. Com ela o poder está no andar de cima e o poder tem que vir para o andar de baixo, e ela não faz essa reforma. Olhem para o Brasil, eles não querem tirar o poder de cima e passar para baixo. Então as pessoas não acreditam mais. Se o voto fosse livre no Brasil mais de 50% da população não votaria, como não votam nos Estados Unidos. Por quê? Porque nos Estados Unidos eles sabem que votar nesse ou naquele, não muda nada. Agora até parece que votou um pouco mais, mas em geral não votam, o voto não é obrigatório. Essa é a primeira questão que eu colocaria: A democracia está superada no mundo, este tipo de democracia representativa, burguesa ou capitalista. Que democracia que nós temos que procurar? A participativa, onde o poder está no andar de baixo. Em Cuba tem um partido só, o voto não é obrigatório, quando vota menos, vota cerca de 82% da população, quando vota mais, vota cerca de 95% da população. Porque o povo cubano sabe que o voto dá para ele o poder, ali no meu bairro eu escolhi um vereador e ele não se comporta bem na Câmara, estou em Cuba, nós vamos lá fazer uma reunião no bairro, a circunscrição se reúne, nós chamamos o vereador, ele tem que se defender, mas se nós não estamos contentes com ele, nós o tiramos e já mandamos outro para a Câmara, não é a Câmara que caça o mandato, porque a Câmara é corporativa, nós é que vamos avaliar o vereador e assim para um deputado estadual também. Então o poder está embaixo, aí entra a política e o povo gosta de política, o povo adora política. Se você passar o poder para o povo, você pode fazer qualquer reunião de noite, ele pode chegar cansado do trabalho, mas não falta ninguém. Ele sabe que vai decidir e vai resolver os seus problemas, todos vão. É falsa a ideia que diz que o povo não participa, não participa dessa democracia porque se eleger e depois o candidato faz o que ele quer e não se tem mais controle sobre ele. Se eleger um Dário Berger por oito anos ele faz o que quer, se alia com as empresas, com todo o mundo, menos com o povo, “Ah, daqui oito há anos eu vou embora, se não me elegerem mais não tem problema, eu já fiz a minha mala”. Quando muito um processo, Ministério Público, que geralmente não dá em nada, então é uma banana para o povo. Então eu vejo as eleições como uma desconsideração a democracia, tanto é que no Brasil, nessa eleição para prefeito, apareceram votos nulos e brancos em grande escala, é para dizer: “Nessa democracia, nós não acreditamos, porque ela não nos representa”. O mundo terá que repensar isso, a eleição do Trump é uma prova. Essa democracia é ruim, ela não tem fundamentos e representatividade popular, nos Estados Unidos o povo foi às ruas dizer: “Ele não nos representa”, a turma do Trump também poderia sair às



ruas e dizer o mesmo para a Hillary, porque lá é pior ainda, quem elege é o grande capital, aquele que mais arrecada dinheiro ganha. Que democracia é essa? No Brasil o caixa dois, e assim por diante.

Ao longo do período conhecido como guerra fria, Cuba moldou sua economia para se inserir na então dita divisão internacional socialista do trabalho, após o fim da União Soviética, Cuba vem adaptando sua economia buscando a coexistência com as forças de mercado. Como o senhor percebe atualmente a construção do socialismo cubano? Observamos uma situação onde está sendo dado um passo para trás, para poder dar dois para frente ao socialismo ou mudanças estruturais na sociedade cubana?

Cuba em primeiro lugar sofre um bloqueio e nenhum país no mundo na história universal sofreu o bloqueio que Cuba sofre. Esse bloqueio vem desde 1961, eles têm que fazer contrabando para poder trazer produtos, por exemplo, para um hospital e salvar pessoas, o contrabando é que salva. Então, se o Brasil tivesse sido bloqueado como Cuba foi, talvez o Brasil tivesse caído há muito tempo. Tanto é que nos Estados Unidos criaram leis, duas delas são conhecidas, a Lei Toricelli e a Lei Helms-Burton, são leis terríveis, o que elas fazem contra Cuba nem o Império Romano fez contra a Gália. Por exemplo, sai um barco da Itália e tem que trazer um produto para Cuba, ele não traz, porque se ele encostar no porto de Havana ele terá que ficar três meses sem encostar em portos dos Estados Unidos. Como é que Cuba vai trazer a mercadoria que precisa? Ninguém quer trazer, tem que pagar um barco só para eles, sai caro, aí complica a vida. A internet em Cuba é lenta? Mas passam milhões de cabos encostados em Cuba, mas os donos dos cabos não permitem que se conectem, claro, a internet é ruim por isso. Então quando se analisa Cuba tem que levar em consideração o bloqueio. Eles deviam abrir para Cuba, aliás, Cuba sempre esteve aberta para o mundo, não é Cuba que está fechada, são os Estados Unidos que se fecharam e obrigou os países da América Latina a se fecharem, inclusive a romper relações diplomáticas. Essas leis são tão perversas que chega ao ponto do ridículo, dou um exemplo: Um grupo de empresários dos Estados Unidos se reuniu no México, no Hotel Hilton, com representantes do governo cubano, o que Cuba queria comprar dos empresários estadunidenses? Energia. Foram todos para o Hotel Hilton, claro que se paga em dólar, o governo cubano pagando em dólar os seus representantes. Acontece que a Lei Helms-Burton não permite que uma empresa estadunidense que tenha filiais pelo mundo faça negócio com Cuba. Eles estavam todos no Hotel Hilton e de repente chega uma ordem dizendo o seguinte: “Os cubanos não podem se hospedar nesse hotel, porque a sede dele está nos Estados Unidos, a filial está no México e é proibido por lei que eles se hospedem”. Claro, os cubanos disseram: “Não tem problema, nós vamos para outro hotel”, e os empresários



estadunidenses em protesto saíram do hotel e foram junto dos cubanos para outro hotel para continuar a negociação. O governo da Cidade do México que é de esquerda disse: “Aqui essa lei não vale”, aí o povo cercou o hotel, fechou o hotel, o prefeito da cidade mandou a fiscalização e descobriu-se que ele havia construído planta física sem licença, enfim, o prefeito fechou o Hilton por seis meses. Mas vejam, eu estou dando um exemplo corriqueiro de um hotel, agora vocês imaginem outras coisas. Não se pode vender remédios, automotores, bens industriais, é tudo proibido. Então é claro que eles tiveram que fazer muitas concessões, investir no turismo, tiveram que abrir a economia, não puderam construir o tipo de socialismo que eles queriam, mas eles mantêm coisas fundamentais, acho que isso é muito importante, por exemplo, apesar de todo período especial que passaram quando caiu a União Soviética eles não diminuíram em nada o atendimento da saúde e educação. Não tiveram uma PEC 40, pelo contrário, tiveram PEC para ajudar mais, eles disseram: “Disso aqui não abrimos mão”. Teve pessoas que passaram necessidades, mas as crianças e as coisas fundamentais foram intocáveis. Fizeram o contrário do que faz o Temer hoje no Brasil, exatamente o contrário. Todos diziam que eles iam cair, pois eram um satélite da União Soviética, como a União Soviética acabou o satélite tem que acabar também, no entanto Cuba está aí. E claro, é uma revolução vitoriosa, porque de fora ninguém termina com ela, pois foi feita dentro de uma percepção de longa duração. O que isso quer dizer? Que a revolução cubana não começou em 1959. “A revolução começou em 10 de outubro de 1868, quando começou a guerra de dez anos contra o colonialismo espanhol” disse Fidel. Ali começou a revolução, e quem não entende pensa que ela começou em 1959, então não tem como derrotar, já fizeram de tudo, mais de seiscentas tentativas de assassinato de um homem, isso não existe na história universal... Guerra bacteriológica contra os canaviais, contra os suínos, peste suína, contra os humanos, a dengue, tudo que vocês imaginarem foi feito. Isso significa que é uma concepção de revolução dentro da longa duração, o povo tem o poder, o poder está no andar de baixo, e quem pode liquidar a Revolução Cubana são os próprios cubanos, esses sim, se quiserem conseguem. Mas de fora não, está provado. Cuba é um país pobre, com índices sociais bons, eles estão a cento e vinte quilômetros do maior império do mundo, a maior potência mundial sob o ponto de vista militar, Cuba é uma pulga, por que não se destrói essa pulga? O que já se tentou... O Pentágono avaliava em 1988 que eles perderiam oitenta mil homens, numa invasão a Cuba. Na Guerra do Vietnã em quinze anos se perdeu cinquenta e oito mil, os Estados Unidos caíram. E o Fidel Castro respondeu: “Vocês não vão perder oitenta mil homens em uma semana, vocês vão perder duzentos mil e nós vamos transformar a Ilha num inferno de fogo, enquanto não matarmos o último gringo, ninguém sossega”. Claro, porque o povo cubano são doze milhões e é segredo de Estado, ninguém sabe, mas se houvesse uma invasão talvez eles teriam um exército de dez milhões de pessoas.



Bombardear é fácil. Mata muita gente, destrói a infraestrutura, mas você não conquista bombardeando, tem que descer. Como se faz quando se desce? Você vai encontrar a resistência e a ofensiva. Então a Revolução Cubana tem que ser entendida dentro de uma visão de longa duração e os estadunidenses não entendem isso. A Agência Central de Inteligência (CIA), que é a transnacional de terror de Estado deles, estuda tanto e não entende isso. Foram cinquenta anos perdidos, não vão conseguir, pode ser mais cinquenta anos e não vão conseguir, mas o povo cubano se quiser acaba. Por isso eles estudam bem a história, como era antes e como é agora. Aquilo que a imprensa ocidental chama de lavagem cerebral e o que eles fazem aqui não é lavagem cerebral, é instruir as pessoas, a grande imprensa ocidental e brasileira [ironiza]. Então eu vejo a Revolução Cubana assim. Tem um livro muito importante de um haitiano que se chama Pierre Charles-Girard, o livro é pequeno, mas de suma importância, o nome do livro é *A gênese da Revolução Cubana*, ele vai analisar o que aconteceu antes de 1959, e ele termina o livro em 1959, então você lendo o livro você vai chegar na seguinte conclusão: Aqui vem uma revolução! Não interessa quem vai encabeçar, pode ser um Fidel, Raul, Joaquim, Manuel, as condições históricas estão dadas, o cavalo está encilhado, alguém vai montar, o Fidel montou. Poderia ter sido outro, as condições históricas estavam dadas. Por isso a Revolução Cubana é muito importante, um sociólogo estadunidense famoso, Wright Mills, ele tem um livro que se chama *Escucha yanque*, e ele termina o livro mais ou menos dizendo o seguinte: “A Revolução Cubana, guardada suas devidas proporções, foi para a América Latina o que a Francesa para a Europa”. Depois dá Revolução Cubana muda tudo na América Latina, é um divisor de águas. A América Latina era tão sem importância que o diplomata chamado Sumner Welles, em 1938 pediu para vir da Europa para Buenos Aires, o Departamento de Estado achou que ele estivesse louco. A América Latina não tinha importância nenhuma, quem conta isso é o Gordon Connell Smith. A Revolução Cubana pôs o mapa da América Latina dentro das preocupações dos Estados Unidos, tanto que depois da Revolução Cubana os Estados Unidos criam o Banco Interamericano de Desenvolvimento, para nos ajudar a desenvolver, porque tinha muita pobreza e onde tem pobreza pode aparecer um país comunista. Apareceu a Aliança para o Progresso, que ao mesmo tempo era para mandar comida e militarizar a região, defendeu a reforma agrária conservadora e mandou matar ditador na América Latina, Leónidas Trujillo, na República Dominicana, por quê? Porque esses ditadores já não servem mais. Onde tem ditadura tem muita opressão, o povo se organiza, se levanta, derruba o ditador e de repente vem o comunismo. Foi o que aconteceu com o Fulgêncio Batista em Cuba, não mais ditadores, democracias capitalistas. Sejam conservadores, liberais, marxistas, todos são unânimes numa coisa: A Revolução Cubana é um divisor de águas nas relações dos Estados Unidos com a América Latina. Um antes e um depois.



Há uma semana foi concluída uma nova proposta de acordo de paz entre as FARC e o governo da Colômbia, que deve agora passar pelo congresso e possivelmente por novo referendo. O senhor acredita que tal acordo seja suficiente para promover a paz?

Bom, quem quer a paz na Colômbia são as FARC, quem disse “não” foi o grupo do Uribe, que tem interesses. São as indústrias de segurança, as multinacionais, os oligarcas, principalmente a oligarquia organizada, os que lucram com a guerra, esses não querem a paz. As FARC querem a paz. Por que as FARC surgiram para defender os interesses dos camponeses em 1965, já que os oligarcas estavam se apossando da terra destes camponeses, comendo tudo, obrigando esses camponeses a venderem as terras. Os camponeses disseram: “Não, as terras são nossas, nós não queremos vender”, mas eram obrigados a venderem, então se organizaram em armas e o grupo foi crescendo, cresceu tanto que chegaram a ter quinze mil pessoas em armas. Desde 1965 até hoje ninguém conseguiu derrotá-los e o exército da Colômbia é o maior da América Latina, tem duzentos mil homens em armas e todo o apoio do Pentágono, por que duzentos mil homens e com toda a tecnologia do Pentágono, não conseguem eliminar sete mil? Porque esses sete mil são apoiados pela população. Em muitos lugares muita gente vivia apreensiva, porque saem as FARC e vem o governo. Mas as FARC querem a paz e eles vão lograr a paz, apesar de todos esses que eu citei que são contra a paz e lucram com a guerra, o narcotráfico, por exemplo. Vão conseguir porque o referendo que disse “não” ele vai ser vencido pela necessidade histórica de se buscar a paz, as pessoas querem a paz. O referendo foi um acidente que, talvez quem devia ter feito mais propaganda não fez, se descuidaram um pouco, o povo não acompanhou as negociações, se usaram muitas mentiras como “Quem é gay agora vai mandar no país!”, “As lésbicas vão poder adotar!”, a Igreja Católica conservadora foi contra também, é que houve muita contrainformação, mas o povo na hora que souber realmente o que significa a paz, vai querer e as Forças Armadas da Colômbia também vão querer. Então eu acho que esse grupo vai ser suplantado.

Quais são as características e conclusões que podemos tirar sobre o crescimento de igrejas evangélicas no Brasil? E o conservadorismo e projeto político exercido por elas?

O Estado brasileiro é laico e como laico deve se portar. Portanto eu sou contra a todo tipo de bancada que foge da laicidade. E não só a bancada evangélica, mas a bancada da bola, bala, agronegócio, enfim, nós temos que ter a bancada do povo. O Estado é laico e é preciso combater as bancadas evangélicas. Esses dias um deputado fez um discurso na Câmara, que não só foi vergonha para a Câmara, mas



também seria uma vergonha se ele fizesse esse discurso numa igreja. Esse deputado deveria ser cassado imediatamente por falta de decoro parlamentar, ele violou a constituição, ele não fez um discurso defendendo direitos, ele fez um discurso defendendo os interesses da igreja. Isso tem que ser condenado. Nessa formatura que eu fui de delegados e agentes, eu disse para um delegado: “Um delegado ateu aqui vai se sentir fora da ordem”. Por quê? O discurso do governador Raimundo Colombo, do secretário de Justiça, do secretário de Segurança, do representante dos delegados, do representante dos agentes, todos eles terminavam falando em Deus. Isso tem que ser proibido. Um delegado agnóstico ou ateu vai dizer: “Estou fora!”. Diziam nos discursos: “Vocês vão, em nome de Deus defender a segurança”, não pode, isso deve ser proibido, tremendamente proibido. As bancadas evangélicas elas são perigosas porque a razão que as move não é a “razão” é a religião. E se essas bancadas evangélicas que já querem ter um candidato a presidente em 2018, chegarem ao poder, espero que isso nunca ocorra, nós teremos conflitos armados aqui no Brasil. A história ensina isso. No México tivemos a Cristiada. Vão enfrentar os pastores, vão queimar as igrejas, vão morrer pessoas, vai ser um conflito tremendo. Porque eles vão querer cada vez mais dominar as consciências, e quando se domina as consciências se chega ao absurdo, por exemplo: Para ser funcionário público se apresentar um atestado de que é evangélico. Na Espanha era assim. Nessas alturas se recorre à luta armada, a violência, e vamos ter conflitos. Então eu espero que as bancadas evangélicas sejam contidas, e aí errou Lula, errou Dilma, Temer, todos. Elas têm que ser contidas com muita lei. O país da América Latina que mais nos deu esse exemplo e que foi superado foi o México. No México em 1859 criou Leis de Reforma, Benito Juarez, separando a Igreja do Estado. Cemitérios laicos, monastérios são propriedades do Estado e tirou da Igreja as fazendas, deixou a Igreja nua. Só se podia fazer proselitismo dentro da igreja e não na rua. Foram muito boas às leis, foram postas na Constituição, isso em 1859, posta na Constituição em 1874, aí vem a ditadura do Porfirio, o Porfiriato, de 1876 a 1911, aí a Igreja começa a entrar no Porfiriato, porque o Porfirio era liberal, defendia as Leis de Reforma, mas ele queria dominar o país e a Igreja ajudava a dominar, então fechou os olhos. Quando começou a revolução de 1910, novamente a revolução enquadra a Igreja, e isso vem na Constituição de 1917, dizendo que o padre não pode sair na rua vestido de padre, a freira vestida de freira, a Igreja não pode ter jornais nem rádio, só podiam fazer proselitismo dentro da igreja, fora não. O que aconteceu? Veio à Guerra Cristera, de 1926 a 1929. É uma guerra da Igreja Católica espanhola, tradicionalista e conservadora, contra o Estado, no centro do México, morreram cerca de noventa mil pessoas. Em 1939 eles não satisfeitos criam o Partido de Ação Nacional, em 1940 vem um padre e cria uma congregação para atacar os efeitos da Revolução Mexicana, os Legionários de Cristo, e o Estado não pode ter relações com o Vaticano. O João Paulo II visita o México cinco vezes, o



governo do México já abandonou a Revolução Mexicana, se tornou um governo neoliberal, eles reatam ligações diplomáticas em 1992. Mas tudo bem, reataram ligações diplomáticas, mas a Igreja não voltou a ser o que era. Para o Brasil o México dá um exemplo de como se luta contra a Igreja, se criam leis contra a Igreja, mas a Igreja volta. Aqui nem essas leis nós temos, então é muito importante que as bancadas evangélicas sejam eliminadas, proibidas e que isso seja constitucional. Não se pode rezar no Congresso Nacional, muito menos ter uma bíblia aberta como tem, ou abrir uma seção em nome de Deus, ou se fazer um discurso no Plenário se falando de Deus. Vai para a igreja se quer falar de Deus, aqui a razão é o Estado, e lá têm ateus, os ateus têm que ser respeitados. No espaço público é a razão que domina e não a religião. Cada um é livre para ter a religião que quiser, liberdade total, mas o espaço público é laico. Eu não posso dar aula tendo atrás de mim um crucifixo, não posso. O Supremo Tribunal Federal não deve ter um crucifixo. Por quê? Porque se tiver uma bíblia, um indígena pode dizer: “Eu quero colocar também o Popol Vuh”, e o muçumano: “Eu quero o Alcorão”, não teria espaço para todos. Tem que retirar tudo, inclusive do dinheiro quando diz: “Deus seja louvado”, não pode, o Estado é um Estado sem Deus. Tu escolhes o deus que tu quiseres na tua casa, na tua igreja, mas no Estado Deus não existe. E a nossa Constituição ela é contraditória, pois diz que o Estado é laico, mas abrem a Assembleia em nome de Deus e tem uma bíblia exposta. Tem que se lutar contra isso, lutar com muita força, porque a história mostra que os resultados são terríveis. Esses dias um historiador, Boris Fausto, numa entrevista, e eu não gostei nada do que ele falou durante uma hora, mas quando entrou religião, ele disse: “Isso é preocupante, porque essas religiões em sua grande maioria são fundamentalistas”. Existem religiões como a Católica, e dentro dela uma vertente que se chama Teologia da Libertação, que até ajuda as pessoas a se conscientizar, porque ela trabalha também com luta de classes, mas ela não pode entrar no Estado, mesmo sendo ela uma religião que defende os interesses populares, estimula os pobres a se organizarem, a enfrentarem os ricos, tudo bem, ela pode fazer o que ela quer, mas ela não pode, mesmo sendo a Teologia da Libertação, entrar no Estado. Tem que se lutar muito, vocês não podem apresentar um TCC numa universidade pública como a nossa e dizer: “Em primeiro lugar agradeço a Deus”, agradeça em casa, no espaço público não, eu não acredito em Deus, como vocês vêm falar de Deus? Cada um pode escolher a religião que quiser, mas não pode trazer isso para o espaço público. Tem que se preservar isso, um espaço público laico, um espaço público sem Deus. Para se evitar conflitos, volto a dizer, violentos. Nessas manifestações que houve, vocês já viram pessoas atacando as igrejas, porque as igrejas se colocaram ao lado do Temer, conservadoras, ganhando, não pagando impostos, se enriquecendo. Olha como os pastores vão enriquecendo, o pastor vale pelo que ele arrecada. Inclusive eu acho que o Ministério Público deveria intervir duramente contra essa gente, por enganação e



por exploração. Pois tem gente que se deixa levar e entrega tudo o que tem, fica pobre, e quando fica pobre quem tem que atender? O Estado. Então o Estado deveria intervir e dizer “não”. Um homem me contava na Avenida Mauro Ramos, quando eu esperava um ônibus na frente da Igreja Universal do Reino de Deus, que um amigo dele tinha câncer, ele foi lá e prometeram que iriam curar o câncer, ele não tinha nada, deu um carro velho, eles pegaram o carro velho do homem. Três meses depois ele morreu. É caso de Ministério Público, é expropriação, é enganação. O homem estava desesperado e lhe falaram: “Entrega teu carro que Deus te cura”, talvez ele pudesse vender o carro e até pagar um hospital privado, talvez viver. Mas ele acreditou naquilo. Claro, doente, sem esperança nenhuma. Então isso tem que ser condenado, condenado com veemência, com o rigor da lei. Eu não permito que em minha sala alguém venha em nome de Deus, aqui é em nome da razão, aqui é a Universidade Federal de Santa Catarina, Deus não entra. Está proibido. Por isso a vergonha da Roselane Neckel, quando assumiu a reitoria e chamou uma missa de ação de graças aqui na Trindade, na página da UFSC e com o selo da UFSC. Imediatamente eu escrevi um artigo no boletim dos professores fazendo uma dura crítica a ela, cinco professores vieram em defesa dela, aí eu chamei uma palestra no CFH com a Elza Galdino, que fez um TCC cujo título é esse: *Estado sem Deus*. Fizemos um grande debate lá, sobre o Estado laico. A Roselane, se ela é católica, ela pode chamar uma missa, mas não na página oficial da UFSC, nem como reitora da UFSC, ela pode chamar individualmente para agradecer a eleição, lá com os amigos dela, pois quando ela chamou a missa na página oficial da UFSC, e se ela te escolheu como pró-reitor, e tu é agnóstico ou ateu, tu vai pensar: “Vou ter que ir nessa missa, se não ela me tira o cargo, vou ou não vou?” ela já está te estuprando ideologicamente. Claro, depois que ela foi criticada tiraram da página da UFSC, mas estava lá com o selo da UFSC, se não daqui alguns dias vocês vão ter aulas e antes das aulas vão ter que rezar. Eu estudei num seminário, lá se rezava antes de se começar uma aula e antes de acabar, e tinham quatro aulas de manhã, imaginem quanto rezava, mas daí é um seminário, se vai para lá porque a família mandou ou porque quis, é outra coisa. Um seminário é um espaço religioso, aqui não, aqui é um espaço laico. Inclusive sou contra a educação religiosa nas escolas públicas, dizendo que se ensina ética, não, tem que se tirar educação religiosa, porque se eu sou padre e vou dar educação religiosa, eu vou dar no viés católico-cristão, se eu for da Umbanda, Judeu, etc. Então tira. A história e a geografia cumprem esse papel, não precisa ter educação religiosa. Educação religiosa se tem em casa, ou se tu frequentar uma escola católica, lá tudo bem, mas no espaço público não, não pode. Portanto é preciso militar contra as bancadas evangélicas, não quando eles atuam dentro de suas igrejas, mas quando se apresentam enquanto uma bancada evangélica para defender os interesses dos evangélicos, aí eles vão ser contra o aborto, eutanásia, a favor de não pagar imposto, às vezes considerar a mulher um ser inferior porque



ela veio da costela do homem, na concepção criacionista, atacar os gays, tacar as minorias, tem que combater isso. Combater com dureza.

No início do século XIX, mais precisamente no contexto das lutas de independência da América Latina, em carta Simon Bolívar fez a seguinte afirmação: “Os Estados Unidos parecem destinados pela providência a abarrotar a América de miséria e fome em nome da liberdade”. Na sua perspectiva esta frase continua atual? Que tipo de reflexões é possível tecer em torno dela se levarmos em conta as relações entre os Estados Unidos e os países da América Latina atualmente?

Essa frase é de 1828 e o Bolívar é o precursor do anti-imperialismo. Na época os Estados Unidos estavam se formando como uma nação, ainda não era um país imperialista, o imperialismo vinha se formando na Inglaterra, mas o Bolívar já dizia: “É bom fazermos negócios com a Inglaterra, manter relações, mas porque ela está longe, se estiver perto é complicado. É um país muito forte”. Aí ele vê os Estados Unidos e diz: “Aqui tem um perigo”. Por que um perigo? Porque na época os Estados Unidos já vendiam armas para a Espanha, para atacar os independentistas, e vendia armas para os povos daqui para atacar a Espanha. Ele tinha interesses. É o que o Kissinger resumiu quando foi secretário de Estado: “Nós não temos amigos, nós temos interesses”. Então o Bolívar é o precursor do anti-imperialismo, existe um livro do historiador cubano Francisco Pividal que se chama justamente *Bolívar: Pensamiento Precursor del Antiimperialismo*. O Bolívar já antevia que os Estados Unidos que se fechavam, se protegiam, tinham um mercado interno e que já estava começando a explorar, vai começar a ter pelo menos uma doutrina, a Doutrina Monroe, que é “América para os americanos”, mas que na verdade significa “América Latina para os norte-americanos”. E essa doutrina é de segurança, se acha no dever de cuidar da América, tirar a Europa daqui e cuidar da região, e se achando mais forte vai dizer: “Eu vou cuidar de vocês”. Então tudo isso que o Bolívar colocou se concretiza, porque os Estados Unidos hoje é um país imperialista, e o imperialismo o que faz? Domina e explora. Eles acham que as riquezas do mundo têm que estar a serviço deles, porque eles são civilizados, nós somos bárbaros, eles fazem história, nós carecemos dela. Aproveitam disso para criar um novo mundo aonde eles vão ganhar e nós temos que perder, porque somos menos do que eles, na percepção deles, vão dizer: “O petróleo do Iraque é nosso. O gás do Afeganistão é nosso. O petróleo da Venezuela é nosso. O gás da Bolívia é nosso”, e claro, o imperialismo só entende uma coisa, a resistência das armas, ele pode ser derrotado, ele já foi derrotado duas vezes, por Ho Chi Minh no Vietnã e por Fidel Castro em Cuba, pelas armas, não tem outro caminho. O que o Bolívar preconiza acontece, e vai acontecer até mais cedo do que ele pensa, isso ele diz em 1826, mas no final do século XIX, José Martí, outro



pensador vai fazer um pensamento do que toca ao imperialismo avançar mais, até que ele vai dizer: “Um fuzil na direção da Espanha que é colonialista ainda e outro na direção dos Estados Unidos, porque não adianta sairmos das garras da Espanha e nos tornarmos independentes e cairmos nas garras dos Estado Unidos”, e foi o que aconteceu. O Bolívar foi um profeta na concepção laica, aquele que viu longe, não é um adivinho, é aquele que analisando as condições históricas viu que ali vinha um país dominador e que hoje é imperialista. Tanto é que seja Obama, Trump ou Hillary, a presidência é imperial, ela manda, domina, pratica o terror. São eles que mais matam gente no mundo, claro, para defender os seus interesses, a guerra do Iraque era para ter petróleo barato nos Estados Unidos, a guerra no Afeganistão é para garantir que o petróleo saia do Iraque e garantir o gás, e por que atacam tanto a Venezuela e Bolívia? Porque tem interesse no petróleo, gás e lítio. Então o imperialismo é dominação, é morte. E aí vem toda a teoria do Lênin de como o imperialismo atua, exportando o capital, e depois se devolvendo esse capital, mandando os seus bancos que exploram, dominando território, tem todo um arsenal.

Por fim professor, como o senhor avalia as ocupações dos estudantes universitários contra a PEC?

Eu vejo com uma perspectiva de esperança muito grande, não sou pessimista, o que vai ocorrer no Brasil. O Temer, eu até acho que ele pode não terminar o mandato dele, porque o povo, os estudantes, os movimentos sociais, todos vão começando a ter consciência das maldades desse governo, que é tirar dos de baixo e dar aos de cima, e isso já está aparecendo na saúde, educação, desemprego que continua alto, a baixa do consumo, os juros. Não melhorou nada, não vai melhorar, vai piorar. Tanto é que ele destina em torno de 47% do PIB para pagamento de juros da dívida, quem ganha são os banqueiros e os rentistas. Então os movimentos sociais vão ter que crescer, radicalizar e adotar a luta de classes, e os estudantes, sejam secundaristas ou universitários, tem um papel muito importante nisso. Eu vejo com muito heroísmo o que os estudantes estão fazendo, fizeram antes nas ocupações lá em São Paulo nas escolas, é notícia no mundo, não é notícia aqui. Agora contra a PEC-55 as universidades, e não é só contra a PEC-55, a PEC-55 é apenas o começo, depois vem à contrarreforma da Previdência, a contrarreforma trabalhista, a contrarreforma do Ensino Médio, é um pacote, uma regressão que em alguns aspectos é pior que os anos da Ditadura. E esse movimento vai crescer cada vez mais, e isso é muito bom. É lógico que o PT cometeu muitos erros, principalmente quando se tornou governo e institucionalizou a luta, por exemplo, “Vocês não precisam mais lutar nos bairros, agora somos governo e nós vamos atender vocês”. E claro, foi tirando as organizações de todos os lugares e as pessoas se sentiram desprotegidas, e quem foi entrando no lugar delas? As igrejas



evangélicas. Por isso esse reacionarismo que vem das comunidades, pobres votando na direita. Sim, a organização política os deixou sem nada, a mãe cuja filha havia casado com um cara drogado e não consegue resolver o problema vai para o pastor e o pastor resolve, pronto, essa mulher vai votar no pastor eternamente. Quem poderia estar lá e resolver? A organização social, o posto de saúde, o atendimento psicológico, tudo isso para ajudar, estar ali com a população. Eu vejo com muito otimismo o que está acontecendo, as ocupações, muitas vezes se aprende muito mais com as ocupações do que com as aulas, as discussões, os debates, a organização. Erram também, tem que errar, não tem problema, e ir ajudando a conscientizar a população, porque a imprensa tem um discurso único e por outro lado nós vamos ter sempre os que se opõe, os privilegiados, mas muitos não são privilegiados, são alienados, e temos que trabalhar para tirar a alienação dessa gente e não é fácil. Se eles entendessem, eu diria no mundo até, se o mundo entendesse o que é o capitalismo, ele cairia amanhã. É claro, é um sistema que explora, vive em cima da exploração das pessoas, cairia amanhã! Mais de 90% da população mundial seria contra, anticapitalista, antissistema, mas não conseguimos chegar a todos, a televisão chega, os jornais chegam e repetem sempre a mesma coisa. Vejo com otimismo essas ocupações porque não interessa se perde o semestre, se isso ou aquilo. Nas décadas de oitenta e noventa nos fizemos muita greve nessa universidade, nos anos da ditadura militar e depois os anos duros do FHC, se nós não tivéssemos feito greve, greves de noventa dias, técnicos, estudantes e professores, hoje esta universidade seria privada. Nós que seguramos: Os técnicos, estudantes, professores, a população apoiando. Alguns cursos inclusive teriam fechado, o de História, por exemplo, não teria demanda. Por isso que na reunião dos professores quando preocupados discutiam formas de se acabar o semestre, eu perguntei: “Vocês então discutindo varejo enquanto vem um atacado lá de cima, que é um governo golpista, um estado mínimo, fim de bolsas de pós-doutorado, bolsas para estudantes, diminuição de vagas, o orçamento da Universidade, e vocês discutindo como vai acabar o semestre?”, “Inclusive vocês que são todos novos, se não fossem os técnicos, estudantes e professores nas décadas de oitenta e noventa, vocês nem estariam aqui, o Curso de História já teria acabado, não interessa ao mercado, e vocês agora abandonando os estudantes? Isso é uma vergonha, quem está querendo acabar o semestre é um fura greve, os alunos são de um heroísmo muito grande, nós não temos condições de ficarmos lá como eles ficam, mas vamos pelo menos apoiar”. É necessário pressionar o reitor, o reitor ficou escondido no gabinete, o CUn aprovou uma moção contra a PEC-55, mas ele não aparece na televisão. Nós já pedimos: “Vai para televisão, explica para o povo de Santa Catarina o que é a PEC-55”, o povo de Santa Catarina diria: “O reitor da UFSC, um homem que entende, ele dirige a maior casa do saber de Santa Catarina, onde se faz pesquisas e se gera o conhecimento, se ele diz isso... Eu acho que ele sabe”, explicar, isso é fundamental.



Mas os nossos reitores não exercem a função de reitor, são administradores acadêmicos, não atuam como políticos e intelectuais, por isso está tão rebaixada a função de um reitor. Os reitores, não só de Santa Catarina, mas do Brasil, uma das coisas que deviam fazer era acabar com o analfabetismo, e é muito fácil, é só chamar o governo e dizer que se precisa de milhões para gerar bolsas para os estudantes. Durante dois anos se dariam cursos permanentes em todos os locais de Santa Catarina, por exemplo, com bolsas seriam estudantes que vai, estudantes que vem e vamos acabar com o analfabetismo! Para se ter uma ideia, o Brasil tem treze milhões de analfabetos, Cuba tem zero, isso são dados da ONU, desde 1961, a Venezuela tem zero, o Brasil tem treze milhões, o México tem cinco milhões e os reitores poderiam acabar com isso. Colocar os estudantes a alfabetizar, primeiro treiná-los, dar as bolsas, se vai um mês e volta para não perder aulas, alfabetizar a população. O que a população diria? “A universidade me alfabetizou”. Isso se faz com relativa capacidade, é só querer e ter um pouquinho de inteligência. E claro, exigir do governo as bolsas, para zerar isso. Vamos acabar com o analfabetismo. Terminando. Então, as ocupações são muito importantes, elas politizam, e claro, todos dizem que a PEC-55 vai ser aprovada, bom, nesse momento parece que sim, mas as ocupações não perdem o seu valor, porque vêm outras grandes reformas e cada vez está aumentando mais as manifestações de rua, por conta justamente dessas ocupações e outras ações que ajudam. Os grandes movimentos muitas vezes começam em pequenas organizações. As condições históricas estão dadas, não é preciso um grande movimento, é preciso uma pequena organização que ajude a despertar, aí sim vem um grande movimento. Um sindicato mexicano pequeno chamou uma passeata contra o governo tempos atrás, e a situação no México era complicada. Eles achavam que dariam poucas pessoas, deu um milhão de pessoas. Por quê? Porque as condições históricas estavam dadas. Então é importante sim, não interessa se o movimento é pequeno, sendo a causa grande ele se torna grande também. E enfrentamento sempre vamos ter, deve se condenar a violência e ir para a batalha de ideias, tem gente que não quer ver, mas temos que mostrar para as pessoas o que é a batalha das ideias, isso é importante...

